

MASCULINISMO E MISOGINIA NA SOCIEDADE BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS ADEPTOS AO MASCULINISMO NAS REDES SOCIAIS

Rosane Cristina de Oliveira (UNIGRANRIO)

rosanecrj@hotmail.com

Renato da Silva (UNIGRANRIO)

renato.silva@unigranrio.edu.br

RESUMO

A proposta deste trabalho é analisar os discursos dos adeptos do pensamento masculinista no Brasil, com o intuito de compreender os seus elementos históricos e culturais, constitutivos e perpetuadores da misoginia. Na versão radical, alguns grupos masculinistas, longe de serem grupos que possuem discursos que elevam o macho à condição de superioridade, as ideias difundidas são de cunho misógino, de ódio às mulheres, defesa de que as mulheres devem ser usadas somente para fins reprodutivos, incentivo ao estupro. Portanto tratam-se de, observando num primeiro momento, adeptos que, para afirmar sua masculinidade, alocam as demais identidades de gênero na subalternidade ou, em casos mais extremos, na inviabilidade de existência de outros indivíduos fora do universo masculino defendido pelo grupo. Para o nosso trabalho, as orientações de Fiorin (1988) são interessantes, pois o autor enfatiza os interesses e a manipulação por parte do transmissor da mensagem, com o intuito de fazer com que o receptor acredite no que está sendo anunciado. Nesta lógica de pensamento, Pierre Bourdieu (2007) é um importante referencial, pois destacou o campo da violência simbólica inscrita nas palavras e no seu poder, legitimada pelo sujeito que a pronuncia. Portanto, este artigo pretende colaborar com os estudos sobre gênero, masculinidade, machismo e misoginia, tendo como ponto principal a análise dos discursos dos seguidores das comunidades (*Facebook*) masculinistas e de alguns representantes desta lógica de pensamento, como as páginas (*Youtube*) do “Tiozão – Independência Emocional”, entre outros.

Palavras-chave:

Masculinismo. Misoginia. Análise de Discurso.

RESUMEN

El propósito de este trabajo es analizar los discursos de los seguidores del pensamiento masculinista en Brasil, con el objetivo de comprender sus elementos históricos y culturales, que constituyen y perpetúan la misoginia. En la versión radical, algunos grupos masculinistas, lejos de ser grupos que tienen discursos que elevan al hombre a la condición de superioridad, las ideas generalizadas son de carácter misógino, de odio a las mujeres, defendiendo que las mujeres deben ser utilizadas solo con fines reproductivos, incentivo para violar. Por tanto, son, a primera vista, adeptos que, para afirmar su masculinidad, asignan las otras identidades de género a la subordinación o, en casos más extremos, a la imposibilidad de existencia de otros individuos fuera del universo masculino defendido por el grupo. Para nuestro trabajo resultan interesantes las pautas de Fiorin (1988), ya que el autor enfatiza los intereses y la manipulación por

parte del transmisor del mensaje, para hacer creer al receptor lo que se anuncia. En esta lógica de pensamiento, Pierre Bourdieu (2007) es un referente importante, ya que destacó el campo de la violencia simbólica inscrita en las palabras y en su poder, legitimadas por el sujeto que las pronuncia. Por tanto, este artículo pretende colaborar con estudios sobre género, masculinidad, machismo y misoginia, teniendo como punto central el análisis de los discursos de seguidores de comunidades masculinistas (Facebook) y de algunos representantes de esta lógica de pensamiento, como las páginas (Youtube) de “Tiozão - Independencia emocional”, entre otros.

Palabras clave:

Masculinismo. Misoginia. Análisis del discurso.

1. Considerações iniciais

Na primeira semana do mês janeiro de 2021, um evento inesperado chamou a atenção da imprensa e dos intelectuais, especialmente os que estudam as questões de gênero. No dia 7 de janeiro, a BBCNews publicou uma matéria intitulada “Tribalismo masculino: a seita violenta ligada ao visual ‘viking’ de trumpistas em invasão ao Congresso”. Embora o assunto não seja uma novidade, a imprensa divulgou amplamente imagens inusitadas de homens vestidos com indumentárias que lembram a caça e a guerra, em peles de ursos e chifres.

Ao que tudo indica, longe de ser um grupo que possui um discurso que eleva o macho à condição de superioridade, as ideias difundidas são de cunho misógino, de ódio às mulheres, defesa de que as mulheres devem ser usadas somente para fins reprodutivos, incentivo ao estupro. Portanto trata-se, observando num primeiro momento, de adeptos que para afirmar sua masculinidade, alocam as demais identidades de gênero na subalternidade ou, em casos mais extremos, na inviabilidade de existência de outros indivíduos fora do universo masculino defendido pelo grupo. A masculinidade tóxica, o machismo, os masculinistas, os tribalistas masculinos são, em essência, extremismos que promovem na sociedade aspectos disfuncionais, violência de ordem física ou psicológica e, em muitos casos, crimes como assassinatos e estupro.

Os estudos em torno da masculinidade e machismo cresceram consideravelmente a partir dos anos 1990. Entretanto, é importante ressaltar que a quantidade ainda é incipiente, uma vez que nas pesquisas sobre gênero, o volume se concentra nos temas feminismo, violência contra mulheres, população LGBTQIAP+. Obviamente, são questões fundamentais e que necessitam de cada vez mais estudos, especialmente em se tratando da urgência em relação ao combate dos variados tipos de

violência, com requintes de crueldade, contra o feminino¹. Igualmente, considera-se imprescindível a realização de pesquisas em múltiplos campos dos saberes sobre as questões que envolvem a masculinidade.

A proposta deste breve texto, portanto, é apresentar uma análise dos discursos dos masculinistas, destacando os elementos de misoginia, implícitos ou explícitos, proferidos e defendidos pelos participantes e/ou seguidores de alguns representantes desse posicionamento ideológico.

Para a realização deste estudo, do ponto de vista dos procedimentos metodológicos, optamos pela discussão teórico-bibliográfica sobre as masculinidades e a questão da misoginia. Em seguida, recorreremos ao método Análise de Discurso, com o intuito de compreender enfaticamente os modos de pensar, agir e se posicionar dos masculinistas no Brasil, articulando elementos históricos e ideológicos que reverberam nos discursos dos sujeitos que enunciam e no impacto causado no público que se identifica com as orientações ideológicas propagadas. Para esta etapa, procedemos uma pesquisa exploratória nas redes sociais *Facebook* e *Youtube*, extraindo dos discursos proferidos pelos seguidores de comunidades e canais de orientação masculinista.

Neste sentido, o artigo está organizado em duas etapas. A primeira parte, “Algumas abordagens sobre masculinidades”, é uma discussão teórica, chamando a atenção para as nuances dos conceitos de masculinidade hegemônica, masculinidade tóxica, tribalistas masculinos, machismo e masculinistas. A segunda parte do artigo, “Masculinistas nas redes sociais: misoginia e discursos de exaltação do macho”, é uma análise dos discursos de representantes de grupos masculinistas brasileiros, enfatizando os argumentos e as principais causas que defendem. Além disso, demonstramos a construção discursiva e violenta que acompanham os defensores da exaltação do macho e de que forma tais defesas entrelaçam-se com a chamada “crise da masculinidade”.

¹ Neste ponto, enfatizamos que o Brasil é um dos países com estatísticas elevadas de casos de violência contra mulheres. Além disso, em 2017 ocupou o posto de país de mais comete assassinatos contra pessoas trans (especialmente trans feminina). De acordo com o Observatório de pessoas trans assassinadas, entre 2008 e 2017, o Brasil foi responsável por 41% dos números globais de pessoas trans e gênero-diversas. (Cf. <https://dossies.agenciatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/observatorio-de-pessoas-trans-assassina-das-brasil-e-o-que-mais-mata/>)

2. *Algumas abordagens sobre as masculinidades e os discursos: as marcas históricas e sociais de exaltação do macho*

As reflexões sobre gênero, nas últimas décadas, alcançaram protagonismo. No entanto, no que concerne aos estudos sobre masculinidades, embora possamos verificar a importância do tema, a produção ainda parece incipiente. No campo discursivo, é possível observar as dificuldades em romper com a cultura machista e, por conseguinte, compreender as masculinidades e suas singularidades.

Neste sentido, neste trabalho seguimos as orientações de autores como Michel Pechêux, Pierre Bourdieu e Eni Orlandi. Para Pechêux, os discursos são produzidos socialmente, ideologicamente e historicamente, baseado numa relação política e simbólica do poder. Assim, o machismo, compreendido como um elemento cultural e, portanto, inscrito no imaginário social, traduz-se numa forma de manutenção de poder do macho, perpetuado pelo processo de socialização. Na ficção, nas diversas literaturas e, nas últimas décadas, nas chamadas redes sociais, o discurso em torno do macho tem apresentado elementos importantes para compreendermos “a crise da masculinidade” e as manifestações de grupos, cuja dinâmica de defesa e exaltação do homem, incorrem objetivamente ou subjetivamente, na misoginia.

No que tange os elementos simbólicos do discurso, Orlandi (2012, p. 15) argumenta que na Análise do Discurso a linguagem é a mediação “entre o homem e a realidade natural e social”. Esta observação permite compreender as transformações ou continuidades tanto do homem, como da realidade em que está inserido. Portanto, a perpetuação ou o desmonte de uma determinada ideologia, política ou cultura, inscreve-se nos discursos. No caso de alguns aspectos que envolvem as masculinidades, os processos que se inserem na violência e no ódio em relação ao feminino, é percebido e legitimado na linguagem discursiva, especialmente nas insurgências de determinados grupos, como, por exemplo, os chamados masculinistas.

A questão da masculinidade e a complexidade que envolve a temática tem aparecido com frequência em pesquisas, teses, dissertações, livros e artigos. Em geral, são estudos advindos da área de políticas públicas, direito e psicologia, perpassando pela sociologia e antropologia. Portanto, embora não seja possível citar aqui todos os estudos sobre a temática, procuramos apontar os que consideramos fundamentais para a

análise que propomos: o entendimento das nuances em torno dos discursos de adeptos à ideologia masculinista.

É importante ressaltar conceitos fundamentais, além do masculinismo, tais como: masculinidade hegemônica, masculinidade tóxica e machismo. Estes termos, embora apontem para a lógica da dominação masculina, faz-se necessário refletir sobre seus significados, demonstrando a pluralidade dos aspectos que envolvem a masculinidade. O termo masculinista, na condição de especificidade abordada neste breve texto, é observado como uma ideologia que defende o pacto entre os homens em prol da defesa de seus direitos e nas duras críticas ao feminismo, observado por seus adeptos como uma forma de elencar privilégios para as mulheres. Entretanto, conforme veremos mais adiante, os discursos dos masculinistas carregam em seu cerne a misoginia, mascarado pela “independência emocional”, o “distanciamento de mulheres que só querem sugar o patrimônio dos homens”, o desprezo “pelas mulheres, pois só desejam obter vantagens e são privilegiadas”. Estes termos estão presentes nos discursos dos representantes masculinistas e estão expostos em redes sociais, seja na forma de textos ou de vídeos. Os seguidores (os receptores), geralmente reconhecem o emissor como um líder ou um agente, legitimado seja por sua história de vida ou qualquer outro argumento que o faça se aproximar de seu público. Esta questão será discutida na segunda parte do artigo.

A masculinidade hegemônica aparece na literatura como um campo de reflexão estrutural que perpassa pela crença de que há um campo hierárquico, dominado pelo masculino, tanto em relação às mulheres, como no que tange outros homens, especialmente os que estão no campo da homoafetividade. Estudos realizados e publicados nas três últimas décadas, apresentam uma discussão enfatizando a masculinidade hegemônica. Para Robert W. Connell e James W. Messerschmidt (2013),

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens. (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245)

Obviamente, os processos culturais que beneficiam os homens, especialmente o patriarcado, ainda que atualizado e sem exercício explícito da dominação masculina, gera o que os autores chamam de “cumpli-

cidade masculina”. Tal cumplicidade, atrelada à aceitação das mulheres heterossexuais, proveram, segundo os autores, maior eficácia do conceito de hegemonia. Portanto, “a hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão” (CONNELL; MASSERSCHIMIDT, 2013, p. 246).

Connell e Masserschmidt (2013) apresentaram conceito de masculinidade hegemônica, enfatizando a sua influência e aplicação em diversas áreas, entre as quais destacam-se: estudos em educação, sobre o cotidiano escolar, “incluindo os padrões de resistência e *Bullying* entre meninos” (CONNEL; MESSERSCHIMIDT, 2013, p. 241); na criminologia, tendo como ponto da análise o fato de que a maioria dos dados “refletiam que os homens e os meninos perpetravam mais os crimes convencionais – e os mais sérios desses crimes – que as mulheres e meninas” (CONNEL; MESSERSCHIMIDT, 2013, p. 246). Além disso, o conceito de masculinidade hegemônica foi amplamente utilizado para compreender algumas especificidades em diversos países de crimes, como: estupros (Suíça), assassinatos (Austrália), corrupção (Inglaterra) e agressão violenta (Estados Unidos).

No campo midiático, pesquisas sobre as representações do homem encontraram ecos na masculinidade hegemônica. De acordo com Connell e Messerschmidt (2013),

O conceito também foi usado nas pesquisas sobre as representações do homem na mídia, por exemplo, nas interconexões entre o esporte e os imaginários de guerra. Como o conceito de hegemonia ajudou a dar sentido tanto à diversidade como à seletividade das imagens na mídia de massa, os estudiosos da mídia começaram a mapear as relações entre diferentes representações de masculinidades. Esportes comerciais são um foco das representações midiáticas da masculinidade, e o campo em desenvolvimento da sociologia do esporte também encontrou um uso significativo do conceito de masculinidade hegemônica. Foi implantado na compreensão da popularidade dos esportes de contato e confronto – que funcionam como uma renovação contínua do símbolo da masculinidade – e na compreensão da violência e homofobia frequentemente presentes em meios esportivos. (CONNELL; MESSERSCHIMIDT, 2013, p. 246)

No que tange a área de saúde, o conceito foi utilizado com mais frequência para compreender a relação dos homens com a saúde, enfatizando a resistência e os limites (muitos esportistas jogam feridos ou doentes, demonstrando a força masculina) e os comportamentos mais arriscados (direção perigosa no trânsito, mais propenso a brigas etc.).

O machismo e a masculinidade tóxica, embora faces da mesma moeda, configuram lógicas um pouco diferenciadas. O machismo, conforme salientado por Dumont (1980), faz parte de um sistema cultural, político e ideológico a ser seguido por todos os homens que “invejam as mulheres” e, neste sentido,

O machismo constitui, portanto, um sistema de representações-dominação que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos. (DUMONT, 1980. p. 82)

Entretanto, a questão do machismo, não se aplica apenas no contexto binário, alocando homens em lugar privilegiado e a mulher em situação de subjugação. Se observado como uma orientação cultural, que perpassa as gerações pelo processo de socialização e naturalizado na vida cotidiana, o machismo constitui na sociedade o que denominamos de cultura machista. Observado nas variadas esferas da vida pública e dos espaços privados, os modos de agir, ser e viver ainda estão pautados na lógica machista, que aloca o masculino em lugar privilegiado em relação às demais identidades de gênero.

Neste aspecto, Chimanda Nagozi Adichie (2014) é um referencial interessante, ao delinear os modos de educar a criança. Para os meninos é ofertado uma variedade de possibilidades: aviões, carros potentes, navios, lanchas e demais representações de conquistas em torno de bens materiais e aceitação no campo emocional. Para as meninas, desde tenra idade, são apresentados artefatos típicos do espaço doméstico, brinquedos que simulam o papel a ser assimilado (como bonecas que choram e exigem cuidado materno) e a exigência de comportamento recatado.

O machismo, especialmente por ser uma dimensão cultural e, portanto, enraizada na sociedade, está longe de ter uma causa e, por conseguinte, um efeito que se configura exclusivamente pela violência. Ao que parece, está inserido em dois campos: o simbólico e o institucional. No campo simbólico, o machismo pode ser observado nas palavras, nas ficções literárias, nos modos de agir e ser no mundo, nos discursos religiosos em suas múltiplas manifestações, nas brincadeiras de infância, nos desenhos destinados à criança, nos brinquedos e nas cores destinadas à meninos e meninas, nos discursos e formas de educar pela manutenção da “sagrada família” devidamente padronizada em moldes conservadores judaico-cristão.

A forte relação entre a religião judaico-cristã e o machismo, passa as sociedades através do processo de socialização. Portanto, os discursos de orientação de grupos religiosos, geralmente pautam-se na “preferência de Deus pelo masculino”, conforme exposto por Coelho; Souza & Honorato (2019),

Baseados no imaginário de que Deus possui uma identidade masculina, os homens se sentem privilegiados em detrimento as mulheres e nessa prerrogativa funda-se a sua “supremacia”. Por esse motivo e aliado a textos bíblicos incontextualizados e analisados sobre um prisma, em sua grande maioria, masculino, os homens julgam-se líderes, ativos e fundadores enquanto a mulher cabe o papel de objeto, sendo, portanto, as mantenedoras dos ideários religiosos estipulados por estes. Esses ideários, principalmente quando se fala em igreja tradicional, é carregado por violências sutis e até mesmo explícitas contra a mulher, inferiorizando-a e as impedindo de ter voz ativa dentro das instituições religiosas, construindo assim o machismo. (SOUZA; HONORATO, 2019, p. 286)

Em todos esses aspectos, o binarismo inscreve-se como a orientação de sexualidade aceitável e de identidade de gênero preponderante. As demais identidades de gênero e sexualidades estariam em oposição a este binarismo. Estes elementos simbólicos foram devidamente problematizados por Judith Butler em seu livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003), compreendendo que a questão da performance e a heteronormatividade, pautada na crença de que havia uma superioridade masculina, foi posta em xeque.

Obviamente, no caso brasileiro (e não somente), há uma nítida tentativa, liderada por uma parcela conservadora e bastante expressiva, em realinhar alguns discursos sobre gênero, feminismo, família. Há uma investida em “demonizar” a questão das identidades de gênero afirmando e usando recorrente como algo em desacordo com a “sagrada família”. Para tanto, a chamada “ideologia de gênero”² é usada com o intuito de desmoralizar os avanços obtidos pela luta LGBTTIAP+.

² Inicialmente, o termo ideologia de gênero foi bem recebido pela comunidade LGBTIQIA+, por ser observado como uma forma de desnaturalizar a visão biológica típica do século XIX em torno do que é ser homem, mulher e demais “alternativas” de gênero. Neste sentido, conforme salientaram Garraio e Toldy (2020, p. 5), a maior parte dos estudos sobre ideologia de gênero, num primeiro momento, “como um conceito analítico útil para perceber as diferenças culturais que cada sociedade, comunidade ou grupo social associa aos sexos biológicos. Uma grande parte destes estudos argumenta que as construções sociais de gênero dominantes se sustentam num binário heteronormativo masculino/feminino que é usado, por um lado, para silenciar, discriminar, oprimir e/ou perseguir identidades de gênero não-binárias e, por outro, para legitimar a subordinação tradicional das mulheres nas sociedades patriarcais.” O problema em relação ao termo ocorreu quando, em meados

O feminismo é constantemente atacado e alocado como oposição ao macho. Comumente, o termo “feminazi” é utilizado como forma de desmoralizar ou atribuir aos que se intitulam feministas, como opressores, violentos e disseminação de ódio pelos homens. A compreensão de que o feminismo é uma luta política por igualdade entre os gêneros e exercício pleno da sexualidade com respeito à diversidade, ainda é algo distante para uma parcela da sociedade orientada pelo conservadorismo.³ Do ponto de vista institucional, o machismo está presente em diversas modalidades: na desigualdade salarial, na ocupação de cargos, na representação nos espaços políticos.

Assim, o machismo como expressão de comportamentos que, consequentemente, impactam na sociedade, tem na chamada masculinidade tóxica, sua expressão exacerbada e violenta. Esta forma de exercício da masculinidade é responsável pelos inúmeros casos de violência de gênero, feminicídios e violência doméstica. A masculinidade tóxica é geralmente atrelada ao padrão de comportamento violento, ausente de empatia e de descaso com sujeitos que não estão no campo cis-heteronormativo. Assim, além da misoginia, esta expressão da masculinidade despreza mulheres cis e qualquer pessoa que esteja na identidade de gênero feminina: mulheres trans, travestis, *drags* etc.

Por outro lado, a masculinidade tóxica pode, também, inscrever-se em algumas subjetividades. A ideia, amplamente difundida em relação ao comportamento masculino, afirmando que meninos / homens não choram, homens tem que estar à disposição para o sexo, a defesa da honra como um modo de atestar a masculinidade e a inferiorização do outro pela via do discurso: “Fala como homem!”, “Comporte-se como um homem!”, “Deixa de ser mulherzinha!”, entre outras frases cotidianas lançadas aos homens, são exemplos de inculcação, pela via dos discursos, de um modo de agir e ser masculino, violento e misógino, como condição de aceitação e manutenção do poder (simbólico ou não) do macho.

dos anos 1990, “ideologia de gênero” passou a ser usado de forma pejorativa por personalidades políticas e religiosas. Para eles, o termo “ideologia de gênero” foi acusado de ser “um movimento social permissivo pró-aborto e pró-LGBT que deveria ser combatido em nome da defesa da família e do bem-estar das crianças. Alguns estudos, frequentemente afiliados a grupos religiosos, adotam este modelo normativo”.

³ E, também, para os masculinistas, a ação discursiva engloba o ódio ao feminismo. Em geral, enfatizam que as lutas feministas são para oprimir e invisibilizar os homens.

No Brasil, os estudos sobre masculinidade tardaram a aparecer somente nos anos 1990, com a dissertação de Berenice Bento, que o tema ganhou maior visibilidade na academia. Defendida em 1998, intitulada “Um certo mal-estar: queixas e perplexidades masculinas”, a pesquisadora destacou a performance e o olhar sobre gênero para além do feminino, uma vez que esta temática era, até aquele contexto, geralmente atribuída ao estudo sobre as mulheres.

Em 2015, a autora publicou sua dissertação em livro, “Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas”, contexto em que o tema da masculinidade já alcançara destaque no cenário acadêmico. A questão motivadora da pesquisa foi a reflexão sobre a identidade de gênero do grupo de homens participantes da pesquisa (membros da classe médica urbana de Brasília), em relação às mudanças provocadas pelo acesso mais frequente das mulheres na vida pública, as conquistas advindas do movimento feminista e a emergência da ideologia individualista. Para a autora, observar as subjetividades expressas nas narrativas dos homens, revelam incertezas, angústias e outras questões no campo das emoções, que, comumente, são reprimidos. Esta repressão se dá pelo aspecto do biologismo típico do século XIX, que alocou homem e mulher em lugares distintos, de acordo com seu sexo biológico.

3. Masculinistas nas redes sociais: misoginia e discursos de exaltação do macho

No contexto da contemporaneidade, conforme salientado anteriormente, o masculino alocou-se entre a cultura machista (pautada no papel de protetor, patriarca, chefe, provedor e superior) e sua desmistificação em decorrência das conquistas obtidas pela luta política, especialmente alavancada pelo movimento feminista.

Em maio de 2019, o *The Intercept_Brasil* publicou uma matéria interessante, de autoria da antropóloga Rosana Pinheiro-Machado, professora de Desenvolvimento Internacional da University of Bath, no Reino Unido. O texto, intitulado “Pensador da extrema direita, Jack Donovan radicaliza o machismo”, assinala dois pontos fundamentais: a misoginia levada ao extremo e a conexão do pensamento de supremacia masculina atrelada à questão econômica, que retirou dos homens o papel de provedor. Este papel, que ao longo do tempo era o principal instrumento de dominação masculina e, portanto, constitutivo da identidade de uma

parcela significativa dos homens, conforme sinalizado pela antropóloga, perdeu seu significado.

O masculinismo ou o movimento masculinista, caracteriza-se pela radicalização de discursos e ações misóginos. Para os adeptos dessa expressão de masculinidade, o posicionamento antifeminista é a principal característica. Em geral sustentam a superioridade masculina, defendem a exclusão das mulheres de quais espaços de poder e defendem a dominação masculina como um dos elementos fundamentais da vida em sociedade.

Francis Dupuis-Déri (2009), no artigo “Le « masculinisme »: une histoire politique dumoti”, apresenta um estudo interessante sobre a historicidade do termo “masculinismo”. Neste estudo, Dupuis-Déri salienta, entre outras questões, que o discurso dos masculinistas, em geral, são de ódio às mulheres. De acordo com Silva (2006, p. 120), “a literatura masculinista ressalta, querendo ou não, uma espécie de essência identitária comum a todos os homens, não só biológica como também sexual e comportamental, criticando o modelo tradicional de masculinidade e admitindo, como verdade única, a essência pluralista do gênero”. Assim, a questão da misoginia não abriga de forma unanime a questão, mas há uma notória perspectiva em torno da chamada crise da masculinidade. Esta crise pauta-se no reconhecimento das subjetividades que habitam a masculinidade e, ao mesmo tempo, rompe com as tradições binárias no campo da identidade de gênero.

Na atualidade, as redes sociais compõem um espaço bastante utilizado para a propagação de discursos de naturezas diversas. Desde questões que envolvem saúde, moda, beleza, até novas formas de ver, sentir as transformações inscritas na contemporaneidade. É neste aspecto que os chamados *Youtubers* se destacam. Os *Youtubers* são, em sua maioria, sujeitos comuns, que baseado nos discursos que propagam em canais da rede social, acumulam um quantitativo de seguidores bastante expressivo, passando à condição de *influencers digitais*. Assim, costumam disseminar discursos que independem da origem, mas sim do alcance em torno do maior número de “seguidores”. Neste breve estudo, chamamos a atenção para os aspectos ideológicos inscritos nos discursos, cuja base é de orientação masculinista e de exacerbação da misoginia.

De acordo com Eni Orlandi, (2012, p. 26):

A Análise do Discurso, visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma chave de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender. (ORLANDI, 2012, p. 26)

Portanto, ao realizar a leitura de um texto (compreendendo que o texto falado ou escrito é carregado de símbolos, ideologias e significados), observa-se o enunciado e, em seguida, compreende-se o impacto no receptor. Neste ponto, a questão da produção do discurso e do interdiscurso são interessantes para nossa análise. Segundo Orlandi (2012, p. 31), “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. Outra proposição importante sobre o interdiscurso é que as palavras precisam possuir sentido prévio, independente de quem enuncia. Assim, ao falarmos de questões como masculinidade e misoginia, e seus aspectos simbólicos discursivos, reverberam noções ideológicas difundidas e perpetuadas ao longo do tempo, inscritas nas literaturas, romances, obras de arte, audiovisual (filmes, peças teatrais), entre outros. Conforme o processo de socialização segue o fluxo, independente de quem abordou determinada temática anteriormente, o discurso torna-se público, disseminado e, concomitantemente, deixa de pertencer a um único sujeito, a ideologia passa ao anonimato, em seguida, passa a fazer sentido nas palavras de outras pessoas.

Para a realização de uma breve análise do discurso, tendo como ponto de reflexão o masculinismo e a misoginia, optamos pela reflexão em torno *do Youtuber Tiozão – independência emocional*. Embora essas questões não estejam diretamente expressas nos discursos nos vários vídeos do seu canal *do Youtube*, é possível perceber as nuances, no interdiscurso proferido pelo Tiozão e, em seguida, verificar as marcas masculinistas e misóginas nos discursos dos seguidores. No vídeo intitulado “O poder da indiferença”⁴, de Tiozão, autor do livro “O homem insubmisso – independência emocional e social do macho Sigma”, o enunciador adverte que não está produzindo um discurso contrário às mulheres. Entretanto, algumas abordagens sobre o feminino apontam para aspectos

⁴ O vídeo tem mais de 1.100 acessos, até o mês de outubro de 2021. Para assistir ao vídeo na íntegra, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=ZWOT1CSXng>.

de desigualdade de gênero. Outra questão importante a ser destacada são os usos pejorativos, que desqualificam as mulheres e, ao mesmo tempo, afirma “o poder do homem”, uma vez que conquistada a indiferença. Vejamos trechos do discurso do vídeo:

[...] em primeiro lugar eu quero dizer que não menosprezo em nenhum segundo o poder a beleza física, da sensualidade feminina, das roupas provocativas, do cheiro, da voz aveludada, do momento, do local, da pouca luz...

Segundo lugar, também não menosprezo a inquietação e a curiosidade dos mais jovens... é mais difícil pra eles se controlarem em situações como essas...

No trecho acima, a advertência é de que o feminino carrega perigos e, portanto, são nocivas em relação aos homens. Aqui é interessante notar a perpetuação do discurso de mulher-objeto, sexuado e enganador, que levaria os homens ao pecado. Esta lógica acompanha o mito do criacionismo, das religiões judaico-cristãs. Nesta linha de pensamento, os pecados cometidos são atribuídos à mulher, na figura mitológica da Eva e, por conseguinte, Adão foi enganado e pecou. Obviamente esta questão, amplamente difundida, está inscrita no imaginário social e acirra os comportamentos misóginos.

Neste sentido, percebemos o aspecto histórico e simbólico contido no interdiscurso, conforme salientado por Orlandi (2012), ainda que no cotidiano essas questões estejam expostas de diversas formas, mas transmitindo a mesma mensagem: mulheres são perigosas, enganadoras, indignas e os homens são frágeis e suscetíveis aos aspectos perversos que advém do comportamento feminino, conforme demonstrado no trecho abaixo:

Eu sei que a sua libido tem o poder de transformar os atributos femininos em uma arma inimaginavelmente poderosa contra você mesmo, especialmente quando você é jovem. Está ali cheio de libido, cheio de curiosidade, não tem muita experiência, principalmente a galera que não tem muita facilidade com mulher. Pra ele, tipo assim, tem que aproveitar toda oportunidade... ele não sabe quando é que vai ser a próxima. Ele não sabe quando vai ser a próxima vez que a maré vai subir pro lado dele... e quando aparece uma oportunidade ele não sabe nem qual é o interesse da cascuda... sem contar nas situações que você se coloca só por causa da pitinguinha, né? A sua madioca te controla pra perseguir as pitangas.

... às vezes você se coloca em situações que nunca se colocaria se não tivesse uma pintaga cheirosinha, aveludada, suculenta em jogo...

Os elementos que demonstram a misoginia, além do uso de determinados termos, a forma que o discurso é elaborado corrobora para a

sua naturalização. O termo “cascuda”, para referência às mulheres que tenham comportamentos independentes, mães solos etc., é repetido algumas vezes, com o intuito de reafirmar a culpa pela violência que sofrem. Esta mesma linha discursiva acompanha casos de violência sexual contra mulheres, ao atribuir à vítima a responsabilidade pela agressão sofrida (Cf. OLIVEIRA; LIMA; GOMES, 2019). Em geral, a roupa, os hábitos e histórico de vida (uso de drogas, mãe adolescente, entre outros), são usados nas narrativas para afirmar o merecimento em torno da violência e abusos sob as quais a mulher foi exposta.

Imagina que na sua vida, você viveu uma situação e emprenhou uma **cascuda** aí. Você era um camarada novo, com vinte e poucos anos, estragando sua vida por que você não consegue ficar imune, não consegue usar a razão...

Você tem que ter uma arma muito mais poderosa do que os atributos femininos, que eu sei que não é brincadeira...

Então, como é que você vai fazer isso? O super poder é, na verdade, a solidude.

O lance é o seguinte: a partir do momento em que você prefere estar só, qualquer pessoa que quiser a sua companhia vai ter que oferecer alguma coisa muito mais valiosa em troca. E para conseguir achar alguma coisa muito mais valiosa do que a sua solidude é difícil...

Para os masculinistas, um dado importante é que esta independência está ligada ao fato de que relacionamentos com mulheres, constituir família, ter filhos, são fundamentalmente prisões, nas quais os sujeitos se veem limitados.

Outra proposição que podemos perceber é a culpabilização da mulher pela exacerbação da libido masculina. O comportamento livre e autônomo feminino, é confrontado com o olhar conservador e retrógrado que se inscreve na tutela e domínio dos corpos femininos. A ingestão de bebidas alcoólicas e a exposição nas redes sociais são orientações que despertam desconfiança, conforme observamos no trecho abaixo:

99,9 % das mulheres, das modernetes... todas as mulheres além das modernetes..., inclusive aquelas que se intitulam conservadoras são aquelas que postam fotinhas no instagan, sexta-feira: sextou! Bora! Já com alguma garrafinha de alguma bebida... ou seja, a maior parte das vezes, você vai ter que falar não mesmo. Porque não é só a questão de você controlar a sua libido, é questão de você também perceber bandeiras vermelhas!

Neste sentido, os seguidores (os receptores) quase sempre interpretam discursos como os proferidos pelo Tiozão, endossando que “quero me livrar das mulheres que só querem ter vantagens financeiras”, “nunca mais vou sofrer por mulheres, elas não merecem”, “as feministas piram quando a gente descobre que não precisamos de mulher”, “ela engravidou e estragou a minha vida”, entre outros. Estas expressões discursivas estão inscritas nos comentários relacionados ao vídeo analisado.

Um dado importante a ser ressaltado é que as falas, mesmo as mais implícitas, agregam elementos de misoginia, de ódio às mulheres. Esta constatação tende a atrelar-se na chamada crise de masculinidade, contestando as ideologias que alocaram o macho numa condição de dominação, exaltado ao longo do tempo como o sexo forte. Na contemporaneidade, o empoderamento feminino, as lutas políticas por igualdade de gênero, defendidos pelo feminismo, são duramente criticados pelos adeptos ao masculinismo.

4. Considerações finais

Neste breve artigo refletimos sobre as questões que envolvem discurso, masculinidade, misoginia e suas expressões nas redes sociais, tendo como ponto fundamental para nossa análise um vídeo do *Youtuber* Tiozão – Independência Emocional.

Na primeira parte do artigo, chamamos a atenção para a importância do método Análise de Discurso em relação às discussões sobre gênero, destacando a temática da masculinidade. Para a construção da nossa análise, os autores Orlandi (2012) foi fundamental, especialmente ao enfatizar o discurso enquanto uma linguagem de mediação entre o homem e as demais instancias que o cerca (natureza e sociedade). Em se tratando da temática da masculinidade, enfatizamos que a misoginia se inscreve e legitima-se na linguagem discursiva, especialmente naquelas proferidas por membros de determinados grupos, como é o caso dos chamados masculinistas.

Neste sentido, os conceitos de masculinidade hegemônica, masculinidade tóxica e machismo. As abordagens teóricas ajudaram na compreensão histórica, social e simbólica contidas na construção da dominação masculina, e na sua perpetuação por consequência dos discursos advindos na sociedade patriarcal. O processo de socialização é um dos

aliados neste processo e, por conseguinte, observamos a naturalização dos elementos de misoginia.

Na segunda parte do artigo, apresentamos a Análise do Discurso de um representante de grupos masculinistas no Brasil, o Tiozão – Independência Emocional. É importante ressaltar que o masculinismo, em geral, é observado como uma forma de ideologia, pautada na ideia de que os homens são superiores e as demais identidades de gênero encontram-se na subalternidade. Uma questão a ser destacada é o fato de que o discurso masculinista, ao exaltar o macho, também expõe uma crise de masculinidade.

Assim, seguindo as recomendações de Orlandi (2012), no que tange o interdiscurso, pautado nas narrativas que afetam os sujeitos, independente de quem está proferindo. Assim, os discursos proferidos pelo Tiozão, embora estejam inscritos historicamente baseado na cultura machista e da lógica patriarcal, chega aos seus seguidores (receptores) como uma ideia a ser seguida ou que corrobora para justificar os pensamentos que já permeavam os seus processos morais de percepção de mundo.

O comportamento misógino típico dos adeptos ao masculinismo encontram ecos cotidianamente na dinâmica social, enraizado no discurso machista e perpetuado nos mais variados espaços da estrutura social. A culpabilização das mulheres em relação aos variados comportamentos dos homens (como a violência sexual, gravidez, pagamento de pensão alimentícia, entre outros), demonstram o ódio pautado nos discursos que, por inúmeras vias, ressaltam a crise da masculinidade na contemporaneidade. Paralelamente, percebe-se a dificuldade em romper com a cultura machista e agressiva que embasam nas ações e reações de grupos masculinistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70. 1977.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COELHO, I. M.; CERDEIRA, D.; HONORATO, E. J. S. Os processos religiosos judaico-cristãos e a construção do machismo. *REVES - Revista Relações Sociais*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 0281-0290, 2019. DOI: 10.18540/revesv2iss2pp0281-0290. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/8357>. Acesso em: 16 abr. 2021.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Rev. Estud. Fem.*, v. 21, n. 1, p. 241-82, Florianópolis, Apr. 2013. (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso . accesson 16 Apr. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014> .)

DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. *Perspectivas*, 3, p. 81-5, São Paulo, 1980. (disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1696/1377>).

DUPUIS-DÉRI, Francis. Le « masculinisme » : une histoire politique dumot (en anglais et en français). *Recherches féministes*, v. 22, n. 2, 2009. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/rf/2009-v22-n2-rf3635/039213ar/>.

GARRAIO, Júlia; TOLDY, Teresa. “Ideologia de Género”: origem e disseminação de um discurso antifeminista. *Mandrágora*, v. 26, n. 1, 2020, p. 129-55. (Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/327193288.pdf>)

OLIVEIRA, R. C. de; LIMA, J. de C. P.; GOMES, R. F. Machismo e discurso de ódio nas redes sociais: uma análise sobre a violência sexual contra mulheres. *Revista Feminismos*, v. 6, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30363>. Acesso em: 10 nov. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas-SP: Pontes, 2012.

SILVA, Sérgio Gomes da. A crise da Masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Ver. Psicologia, Ciência e Profissão*, 2006. (Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/hvgrgf/hvbYX4tpGHHYXdWks/?lang=pt#>).